

VENEZUELA

Desafio à Justiça

Candidato da oposição, Edmundo González Urrutia não comparece à audiência na Corte Suprema, denuncia risco à própria liberdade e questiona a imparcialidade do procedimento. Presidente do Chile acusa Nicolás Maduro de fraude eleitoral

» RODRIGO CRAVEIRO

Juan Barreto/AFP



Militar da Guarda Nacional Bolivariana (GNB) mantém posição do lado de fora do prédio do Tribunal Supremo de Justiça, em Caracas

A audiência no Tribunal Supremo de Justiça da Venezuela foi marcada, nesta quarta-feira, pela ausência de Edmundo González Urrutia, intimado pelo órgão a prestar esclarecimentos sobre o fato de ter se proclamado presidente eleito do país. O candidato da aliança opositora Plataforma Unitária Democrática divulgou um documento no qual denunciou o descumprimento “flagrante” das atribuições constitucionais e legais do Poder Eleitoral, ao não totalizar e apresentar as atas das eleições de 28 de julho, e justificou o boicote à convocação. “Se compareço à Sala Eleitoral nessas condições, estarei em absoluta vulnerabilidade por desamparo e violação do devido processo, e colocarei em risco não apenas minha liberdade, mas, o que é mais importante, a vontade do povo, expressada em 28 de julho”, explicou.

Edmundo lembrou que a Sala Eleitoral do Tribunal Supremo de Justiça não pode “usurpar as funções” do Poder Eleitoral e certificar resultados que não foram produzidos de acordo com a Constituição e com as leis. “O cidadão Nicolás Maduro Moros, que interpôs um suposto recurso ante a Sala Eleitoral, disse publicamente, em 2 de agosto, que, caso eu não compareça (à audiência), incorrerei em responsabilidades legais e que, se compareço e registro cópia das atas de votação, também haverá graves responsabilidades penais. “É um procedimento imparcial e respeitoso do devido processo? Estou condenado por participação?”

No comunicado, em que não assina como presidente eleito, Edmundo González insta as autoridades a recuperarem a “sensatez” e “a buscarem canais de diálogo franco, que canalizem as abordagens de cada parte, na instância competente sob o ponto de vista constitucional, e em um marco aceitável para todos”. Ontem, o presidente do Chile, Gabriel Boric, assegurou que houve tentativa de fraude na Venezuela. “Não tenho dúvidas de que o regime de Maduro tentou cometer uma fraude. Se não, teriam mostrado as famosas atas. Por que não o fizeram? Se tivessem vencido, claramente teriam mostrado as atas”, declarou.

Em entrevista ao **Correio**, Corina Yoris — professora universitária e filósofa escolhida por María Corina como candidata e impedida de



Se compareço à Sala Eleitoral (...), estarei em absoluta vulnerabilidade por desamparo e violação do devido processo, e colocarei em risco não apenas minha liberdade, mas (...) a vontade do povo venezuelano”

Edmundo González, candidato autodeclarado presidente eleito

disputar as eleições de 28 de julho — disse que Edmundo González se destaca por uma grande contenção e domínio das situações. “Ele deixou muito claro que o comparecimento ao Supremo Tribunal de Justiça seria cair em uma armadilha. Além de explicar suas razões, ele instou o regime de Maduro a abrir um diálogo, a fim de estabelecer,

Eu acho...



Corina Yoris, professora universitária e filósofa escolhida por María Corina como candidata e impedida de disputar as eleições de 28 de julho



Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela (em Caracas)

“Um dos elementos mais graves neste momento é a perseguição política. Na última semana, o número de presos chega a ser impressionante. Na noite passada, foi detida em sua casa, de maneira violenta, María Oropéza, uma das dirigentes do partido Vente Venezuela no departamento de Portuguesa. Ela gravou a prisão em seu Instagram. Precisamos exigir o respeito aos direitos humanos, ante graves violações que ocorrem em meu país.”

“Na Venezuela, se vive um terrorismo de Estado. Há várias pessoas presas, simplesmente porque o regime deseja acentuar sua política de terror, de fazer com que a população sinta medo e deixe de protestar. A tática é tratar de coibir, por meio da repressão e das violações de direitos humanos, protestos contra a fraude cometida por Maduro em 28 de julho.”

Mais pressão

Yoris pediu uma maior pressão diplomática, por parte da América Latina e da comunidade internacional. “Mas o problema para a América Latina será terrível, caso a crise não seja solucionada. Haverá uma nova onda migratória, que afetará imensamente os países

vizinhos”, advertiu a professora. Ela reforçou que Edmundo González venceu as eleições com uma diferença “extraordinária e jamais vista” de votos. “Foram cerca de 40 pontos percentuais de vantagem em relação a Maduro”, afirmou.

Professor de ciência política da Universidad Central de Venezuela, Jose Vicente Carrasquero Aumaitre classificou como “corajosa” a posição de Boric. “Se não existisse uma fraude, as atas teriam sido publicadas. As urnas eletrônicas produzem as atas, que totalizam os votos, mesa por mesa. Se não temos as atas, como o regime apresentou resultados?”, questionou, por telefone. Segundo o estudioso, ante a “mentira” do Conselho Nacional Eleitoral (CNE), a comunidade internacional deve exigir a recontagem de todos os votos. “O problema é que Maduro teve tempo suficiente para adulterar os resultados.”

Aumaitre alerta sobre o risco de Maduro tentar sobrepor o Tribunal Supremo de Justiça ao CNE. “Edmundo González denunciou que o processo eleitoral de 28 de julho não foi devidamente concluído. Com a não publicação das atas eleitorais, não se seguiram os procedimentos de rigor”, explicou.

Dirigente filma a própria prisão

Assim que chegou em casa, na noite de terça-feira, María Andreína Oropéza, líder de campanha de María Corina Machado e de Edmundo González no departamento (estado) de Portuguesa, começou a transmitir o vídeo, ao vivo, por meio de seu perfil no Instagram. A dirigente política do partido Vente Venezuela foi surpreendida por seis agentes do regime de Nicolás Maduro — incluindo três da Direção de Inteligência Geral Militar (Digecim) e dois do Serviço Bolivariano de Inteligência Nacional (Sebin) — e por policiais encapuzados sobre motos. Os homens invadiram a casa, mesmo depois de Oropéza exigir acesso a uma ordem judicial. “Ela mesma gravou o vídeo e me pediu que o compartilhasse.”

Francisco “Titi” Mora, fundador e secretário político do Vente Venezuela, afirmou ao **Correio** que a detenção de Oropéza conternou a opinião pública de Portuguesa e de todo o país. “Foi um sequestro contra a nossa dirigente política. Oropéza foi atacada em sua casa. Sem ordem judicial, em violação à Constituição e à ordem legal, a levaram. Nós percorremos todas as instituições do corpo repressivo do Estado. Não conseguimos nenhuma informação sobre ela”, relatou. “O único delito de Oropéza foi buscar a liberdade da Venezuela, um país onde pudéssemos ser livres para escolher, decidir, empreender, estudar e trabalhar.”

Segundo ele, a dirigente foi nomeada diretora de campanha da ex-deputada María Corina Machado, em 2022. “Oropéza chegou como a chefe de campanha mais jovem do país e fez um trabalho impecável, ao conseguir a vitória de María Corina nas primárias, com mais de 97% dos votos em Portuguesa. Depois, assumiu a campanha de Edmundo González. Temos visto com temor o fato de porta-vozes do regime de Maduro qualificarem o Vente Venezuela como uma organização política terrorista”, disse Mora, a partir de Guanare, capital de Portuguesa. “A única coisa que fizemos foi levar às pessoas uma mensagem de mudança, de esperança e de democracia. Isso se refletiu nos resultados eleitorais.” (RC)

ORIENTE MÉDIO

Países islâmicos culpam Israel por matar líder do Hamas

Mahmud Hams/AFP



Sucessor de Ismail Haniyeh, Yahya Sinwar é o próximo alvo

Israel prometeu eliminar o novo líder do Hamas, Yahya Sinwar (foto), nomeado depois do assassinato de seu antecessor no Irã, que aumentou a tensão no Oriente Médio. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, afirmou que seu país está “determinado” a se defender e preparado “tanto defensivamente como ofensivamente”. O comandante do Exército israelense, general Herzi Halevi, prometeu eliminar Sinwar, nomeado na terça-feira. “Vamos nos esforçar para encontrá-lo, atacá-lo, e para que seja substituído como chefe do comitê político” do Hamas, disse Halevi. “Realizamos operações muito importantes nas últimas semanas, matamos o mais alto comando dos nossos inimigos mais perigosos e não vamos parar.” Israel acusa Sinwar, 61 anos, de ser um dos mentores intelectuais do massacre brutal executado em 7 de outubro pelo Hamas, no sul do território israelense, que desencadeou o conflito na Faixa de Gaza. Ele não é visto em público desde então.

sustentam a ordem internacional”, acrescentou.

O movimento xiita libanês Hezbollah também prometeu responder ao assassinato de Ismail Haniyeh, assim como ao de Fuad Shukur, comandante do grupo que morreu em 30 de julho em um bombardeio reivindicado por Israel contra um subúrbio de Beirute.

O presidente do Irã, Masoud Pezeshkian, implorou ao aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do país, para que suspenda um eventual ataque contra Israel. De acordo com Pezeshkian, a adesão a uma guerra pode aprofundar a insatisfação dos cidadãos iranianos com o próprio regime. A informação foi divulgada pelo site Iran International, com base em fontes anônimas cientes da solicitação do presidente.

da integridade territorial e da segurança nacional da República Islâmica do Irã (...) e substituiu uma ameaça para a paz e a segurança regionais”.

Mamadou Tangara, presidente da OCI e ministro das Relações Exteriores da Gâmbia, declarou que “esse ato atroz agrava as tensões e faz com que o conflito

ganhe maiores dimensões e envolva toda a região”. Tangara sublinhou que o assassinato “não silenciará a causa palestina, mas a amplificará e enfatizará a

urgência de que a justiça e os direitos humanos cheguem ao povo da Palestina”. “A soberania e a integridade territorial das nações são princípios fundamentais que